CRESS SC
CONSELHO REGIONAL DE SERVIÇO SOCIAL • 12ª REGIÃO
BOLETIM ELETRÔNICO
Edição nº 106 Março de 2024

E SE A MULHER DEIXASSE DE EXISTIR?

Quéli Anschau e o coletivo [1]

Você com certeza já ouviu: "Mulher é tudo igual". Tendemos a pensar que esse "igual" está posto, mas não! Não nascemos mulher, nos tornamos mulher! Então essa mulher igual não seria uma forçação de barra? Você já parou para pensar que, ao nos tornarmos iguais, as estratégias de opressão do sistema patriarcal podem se utilizar das mesmas táticas? Nesse sentido, lutamos contra a opressão, mas talvez a maior opressão esteja justamente no desejo de ser "A" Mulher?

Isso me remete a pensar que devemos lutar contra este "ser a mulher ideal" que não nos representa mais. Se derrubarmos o castelo, os guardas vão junto, uma vez que a ideia das violências de gênero concentra-se em afirmar o "comporte-se como uma mulher" – e agora até temos "lute como uma Mulher", mas qual mulher? Talvez as estratégias sociais para o enredamento ao ser mulher se abastecem igualmente do modelo de Mulher que buscamos e, por ser inatingível, banalizamos como igual: Se é igual, por que tanto esforço nos modelos? Modelo de corpo, de mãe, de esposa, de comportamentos?

Mas voltemos à ideia inicial, se Mulher é tudo ou nada, em nome do nada, no momento do andar, poderíamos empreender uma fuga, ou então só tirar umas férias!

Assim como Christine de Pisam pensou uma cidade das damas, reordenando o lugar da mulher, provocamos aqui uma sociedade sem mulheres, pois estamos cansadas do nada, do "iguais", de termos que sinalizar que não somos objetos a serem pegos numa prateleira, que mesmo erguendo a voz para que o nosso "sim" e nosso "não" sejam ouvidos na cena pública, ainda sejam desqualificados a ponto de colocar dúvidas se o nosso "sim" é mesmo nosso. Então, se o fio mobilizatório do tecido social em pleno século 20 ainda esteja em discutir os efeitos que nos diminuem, provar que a família que compomos é hierárquica e, por vezes, exploratória dos seus, acho mesmo que merecemos férias.

Você consegue pensar numa cidade sem mulheres?

Acredito que nosso primeiro contraditório seria convencer as mulheres de suas férias. Aprendemos a ser responsável pelo cuidado de gente e o cuidado exige dedicação exclusiva – exclusividade essa que, geralmente, ainda cabe somente à mãe. Cuidar é um ato criativo sim. Gostamos de cuidar, só que, como o cuidado recai sempre sobre a mulher, cuidamos demais. Então, antes das férias, precisamos responder: quem cuidaria das gentes e do planeta?

Para desespero daquela mulher igual, tendemos a pensar que o cuidado se reordenaria! Segundo Carol Gilligan, o cuidado social, cuidado de gente e do planeta, é um exercício. Queremos dizer com isso que ele se reordenaria pela necessidade, uma vez que todas precisamos de cuidado, logo sabemos o que é cuidar.

Seria lindo, machos cuidando da vida na sua totalidade, gerando o que a autora chama de ética do cuidado e, talvez, por este exercício, questionando o ser homem. Que baita reordenamento, não? Papéis sociais criativos ao invés de binários e oprimidos. Nem tudo é fácil na sociedade do capital, por isso ela gosta bastante da divisão sexual do trabalho,

[1] Cida Reis, Daniela da Rosa, Julia Perosa, Pollyana Rizzoli.

aliás, gosta não, defende com todas as suas forças. Na sociedade onde a exploração se nutre de hierarquias de gente, opressão, sem dúvida no reordenamento do cuidado, logo dos papéis sociais, boa parte da população, sobretudo aquela que vive de salário, se precarizaria de imediato no seu viver bem.

Para dedicar tempo ao cuidado de si e de outros, é necessário abrir mão de outros tempos, sobre tudo o tempo ao lazer, a cultura, a produção e aos empregos. Por outro lado, colocaria na cena pública a exploração do trabalho de cuidado, o qual insistentemente é colado no corpo da mulher e colocado como invisível. Talvez tivéssemos que dizer: Mulheres, precisamos conversar, chegamos a conclusão que o circuito opressivo que praticávamos, como estupro e uso da violência, não estava a nosso serviço e sim aos exploradores.

Mas a base da vida não é só material e elas não podem voltar das férias só porque os homens tiveram um pulo de consciência e começaram a ajudar. Ao mesmo tempo, as férias não são *spa*, o caro e famoso descanso no capitalismo, que se foca mais no imperativo da estética do que de corpo, descanso e cuidado social merecidos. As férias são para: dormir muito, óbvio, mas também para ter debates identitários, já que somos boas no diálogo social.

Também não dá pra voltar das férias sendo a mesma mulher, pois uma sociedade sem mulheres também colocaria as mulheres na falta: quem sou eu? qual é meu desejo? o que há na colina da vida para além de cuidado eterno?

Na esteira das relações, o desafio é quebrar a cadeia "oprimida x opressor", lembrando que a atitude da mudança será potente e criativa, se, e somente se, partir da oprimida. Mas como a esteira não para, coloquemos na pauta particular e social a comunitarização do cuidado social. O exercício do cuidar transforma relações, o cuidado social é rebeldia!

CRESS SC
CONSELHO REGIONAL DE SERVIÇO SOCIAL • 12ª REGIÃO

Expediente: Este boletim é uma publicação do CRESS 12ª Região - Gestão 2023-2026.
Comissão de Comunicação: Cassiano Ferraz, Flávia de Brito Souza, Jéssica Degrandi, Latoya de Oliveira Costa Ramos da Silva, Rodrigo Faria Pereira e Simone Dalbello.
Diagramação: Cassiano Ferraz - Assessor de Comunicação (comunicacao@cress-sc.org.br)

CRESS 12ª REGIÃO - Rua dos Ilhéus, nº 38 - Ed. APLUB - Sl. 1005
Centro - Florianópolis/SC - CEP 88010-560
Telefone: (48) 3224-6135 - E-mail: cress@cress-sc.org.br
Atendimento Externo: Seg/Sex das 10h às 16h